

# Argentina rejeita programa do FMI e faz seu próprio ajuste

Washington - Em um gesto sem precedentes, a Argentina rejeitou o programa de austeridade apresentado pela missão do Fundo Monetário Internacional-FMI, principalmente as condições referentes aos salários e ao déficit orçamentário, e enviou seu próprio programa a diretor-gerente da instituição, Jacques de Larosiere.

O programa rejeitado foi apresentado pela missão presidida por Eduardo Wiesner Durán, que há várias semanas negociava em Buenos Aires os termos da carta de intenção cuja aceitação permitiria à Argentina obter ajuda do FMI para enfrentar uma dívida externa de US\$ 41,5 bilhões, a terceira em importância entre os países em desenvolvimento.

Segundo os meios financeiros de Washington, o governo argentino, rompendo um procedimento habitual das negociações financeiras, decidiu, neste final de semana, apresentar seu próprio programa de ajuste diretamente a Jacques de Larosiere, para que este o apresente ao Conselho Executivo do FMI, única instância habilitada para aprovar os empréstimos.

A carta de intenção enviada pelas autoridades argentinas a Jacques de Larosiere ainda não tinha

chegado ontem ao FMI, segundo uma fonte da instituição. Sabe-se, no entanto, que a carta de intenções da Argentina contém disposições menos severas que as previstas pela missão do FMI e rejeitaria, principalmente, qualquer redução dos salários, além de prever um déficit de 10,1 por cento do Produto Interno Bruto (PIB). Para reduzir a demanda interna, a missão do FMI propunha que este déficit fosse diminuído em até 8 por cento contra os 6 por cento do ano passado.

A iniciativa da Argentina ameaça complicar ainda mais as negociações sobre a dívida daquele país, que já está em atraso de mais de US\$ 12 bilhões. Os bancos comerciais credores da Argentina exigem que um acordo com o FMI seja conseguido antes de estudar a reestruturação de seus empréstimos. Por outro lado, para permitir à Argentina pagar certos juros atrasados, os Estados Unidos teriam garantido um crédito swap, a curto prazo, de US\$ 300 milhões, garantia que deve ser confirmada na próxima sexta-feira.

## DIVERGÊNCIAS

Em Buenos Aires, fontes econômicas do Governo do presidente Raul Alfonsín disseram que a apresentação da carta de intenções



Grinspun

se deu por meio do envio de um telex ao representante financeiro argentino nos Estados Unidos, Gustavo Grinspun, para a entrega ao diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosiere.

O ministro da Fazenda e pai do representante, Bernardo Grinspun, disse, antes da entrega do documento, que, "se o FMI não aceitar a carta de intenção apresentada pelo Governo, o País não vai deixar de funcionar". O ministro salientou que o documento "constitui a formalização da posição argentina perante o Fundo".

Banqueiros estrangeiros disseram que as declarações de Grinspun indicam que ainda há sérias divergências entre a Argentina e o FMI a respeito do controle dos salários, meio circu-

lante e alta da inflação, atualmente de 568 por cento ao ano.

Outro banqueiro, classificando a carta de "outra jogada negociadora" do governo de Alfonsín, disse que a decisão de enviar o documento antes de se chegar a pleno acordo com os especialistas do FMI visa "acalmar os mercados financeiros internacionais", como indicação de que a Argentina se propõe a pagar sua dívida externa.

No entanto, os mercados locais reagiram negativamente às notícias da remessa "unilateral" da carta. O dólar subiu ontem 2,20 pesos no mercado negro, totalizando a taxa de câmbio de 68,70 pesos por dólar.

O secretário do Comércio Exterior, Nestor Stancaelli, disse ontem que, no primeiro trimestre de 1984 sua área registrou um superávit de 1,8 bilhão de dólares e adiantou que a cifra pode se duplicar entre julho e dezembro, em cumprimento das pautas antecipadas oficialmente. Grinspun e fontes do Banco Central assinalaram em várias oportunidades que a Argentina pode obter um superávit de sua balança comercial de cerca de 3 bilhões de dólares para dedicar ao pagamento de parte de seus compromissos externos.